

Josina Machel ganha batalha na primeira instância

A sentença que ainda vai dar que falar

Por Armando Nhantumbo

Caiu, em primeira instância, esta terça-feira, o pano do mediático “caso Josina Machel” que, desde ano passado, vem criando um aceso debate na opinião pública. Naquela que foi a quarta e última sessão sobre o caso, foi lida a polémica sentença que condenou o ex-namorado da filha do primeiro presidente de Moçambique, Samora Machel e da activista social, Graça Machel. Rofino Licuco apanhou pela medida grande e, a contar de 21 de Fevereiro, tem 30 dias para desembolsar 200 milhões de meticais em indemnização. Vencido o prazo de um mês sem o cumprimento dessa decisão judicial, Rofino recolhe aos calabouços. Mas promete recorrer da decisão, um indicativo de que a batalha ainda está longe de terminar.

Catorze dias depois das alegações finais, a Terceira Secção do Tribunal do Distrito Municipal KaMfumo deu um veredicto que está a dar que falar na opinião pública, com os pró-Josina, por um lado e, por outro, os pró-Rofino, a se digladiarem, desde os cafés, passando pelas incontornáveis redes sociais, até às páginas de jornais e espaços de antena em rádios e televisões.

A sentença desta terça-feira, baseada num laudo médico tido pela defesa do condenado como sendo, simplesmente, falso e fabricado em casa da queixosa, castiga Rofino Licuco a três anos de prisão maior por violência física grave; seis meses de prisão por violência psicológica e seis meses de multa.

Mas o Tribunal preferiu acumular as sanções em pena única de três anos e quatro meses, entretanto, suspensa mediante pagamento de 200.579.919,00 Meticais, subdivididos em 200 milhões pelos danos não patrimoniais e 579.919 Meticais pelos patrimoniais.

A indemnização pelos danos não patrimoniais compensa os danos sofridos pela vítima, enquanto os patrimoniais incluem despesas de



Juíza Maria Augusto, entre o colectivo de Juízes que decidiu o caso “Josina Machel”

tratamento e viagens na sequência da agressão sofrida.

Apesar de o valor determinado pelo Tribunal não atingir os 300 milhões de meticais exigidos pela família Machel, é considerado, por alguns sectores, como, simplesmente, absurdo para o caso em alusão.

Trata-se de uma indemnização que representa cerca de metade dos 459.395 mil meticais que o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) precisa, urgentemente, para responder aos estragos do ciclone Dineo que semana passada arrasou o país, com maior violência na província de Inhambane.

Embora Graça Machel, a mãe da vítima, afirme que a sua família não influenciou a sentença em função do nome e da posição social, questiona-se a equidistância da decisão do Tribunal, perante uma respeitada família Machel que se transformou num mito nacional.

Naquele que foi o dia “D” do célebre caso de violência doméstica, que data da madrugada de 17 de Outubro de 2015, quando, alegadamente, Rofino desferiu socos que causaram perca de olho direito à Josina Machel, a juíza do caso, Marina Augusto, disse que inexistiam dúvidas sobre crime de violência física grave e crime de violência psicológica.

Por isso, disse Marina Augusto, é manifestamente improcedente a alegação da defesa de Rofino Licuco, que pediu a absolvição do jovem empresário.

No entendimento da juíza de Direito, Rofino Licuco sequer mostrou arrependimento, chegando a mostrar que agiu por compaixão.

Trata-se de uma sentença que, para a defesa de Rofino, espelha o sistema de administração da justiça que temos.

“É a confirmação de que estamos diante de uma justiça precária”, disse a advogada Anita Sumburane, que também estranha o facto da activista social, Graça Machel, ter convocado uma conferência de imprensa para falar do caso dias antes da leitura da sentença.

mos que o tribunal de recurso decida com a devida equidade”.

Por sua vez, Josina Machel classifica a sentença como a vitória de todas as mulheres vítimas de violência doméstica e dedicou-a, especialmente, àquelas que diariamente morrem vítimas de agressões, mas que preferem manter os casos em segredo.

Disse que foi o fim da mais humilhante experiência na sua vida. Informou que criou um movimento denominado “Kulhuca” para, através do valor da indemnização, advogar em prol do combate contra a violência doméstica e pelos direitos da mulher.



Graça Machel e família na hora de reagir à sentença do tribunal

Para ela, não faz sentido que se tenha tomado uma decisão com base num exame de uma perícia que, desde o primeiro minuto, a defesa provou que era falso.

“Mas é assim como a justiça decidiu”, lamentou. Inconformada, prometeu recorrer da decisão e, “espera-

A sentença de sangue

Cerca de duas horas depois, a activista Graça Machel, mãe de Josina, reagiu à sentença, em conferência de imprensa. Foi na verdade um desabafo em que nem a própria comunicação social escapou.

Perante jornalistas, a viúva de Samora Machel e de Nelson Mandela, o ícone da Nação arco íres, disse que estava satisfeita com a condenação de Rofino Licuco, mas não gostou que a pena tenha sido suspensa.

“Eu desejava que fosse à prisão”, disse, acrescentando que, para desencorajar a violência doméstica, é preciso que se envie a mensagem de que o destino dos agressores, aqueles que abusam das mulheres, é cadeia e não apenas o pagamento de multas, porque a vida de mulheres não tem preço.

Mas Graça Machel disse que, independentemente, da sentença do Tribunal, há uma outra sentença, essa maior, que Rofino tem e da qual não se livrará nunca até ir à cova.

Para Graça, naquela madrugada de 17 de Outubro de 2015, Rofino assinou, propriamente, a sua sentença maior. “Quando ele agrediu a minha

filha, ficou com o sangue da minha filha nas mãos” disse Graça Machel, brava.

“Essa é a sentença maior e não há lixívia que lava”, declarou a activista. Reconheceu, contudo, que nem a filha, muito menos ela são perfeitas. Posto isto, atacou a opinião pública, incluindo a comunicação social. Disse que a opinião pública foi feita pensar que Josina Machel fabricou a versão de que perdeu o olho, numa campanha de assassinato de carácter para a qual foi arrastada, inclusivamente, a própria Graça e toda a família Machel.

Nos tiros contra a media, disse que nunca foi contactada para dar a sua versão sobre o que chama de assassinato de carácter de Josina e sua família.

Mas é importante frisar que foi a própria Graça Machel que sempre disse a jornalistas, quando interpelada à saída da 3ª Secção do Tribunal do Distrito Municipal KaMfumo, que não se iria pronunciar sobre o caso antes da decisão final.

Dito e feito, a activista manteve-se em silêncio e só esta terça-feira é que, convenientemente, quebrou o silêncio para, dentre vários desaba-

fos, acusar toda uma classe de atropelar regras básicas do jornalismo, nomeadamente, o princípio de contraditório.

Chegou a dar lições de jornalismo, desafiando a mais objectividade e cruzamento de fontes.

Vitória é também para os movimentos feministas que, desde a primeira hora, transformaram o caso numa campanha pelos direitos da mulher. Ao SAVANA, na tarde desta quarta-feira, a directora executiva do Fórum Mulher, Nzira de Deus, disse que, apesar de as mulheres terem saído vitoriosas com a condenação, a sentença é injusta e branda para o tipo de agressão cometido e os danos causados.

Na mesma linha com a família Machel, de Deus diz que Rofino devia ter recolhido à reclusão.

Quando questionada se achava razoável ou não a indemnização orçada em mais de 200 milhões de meticais, a directora executiva do Fórum Mulher retorquiu, considerando essa como uma análise simplista.

Argumentou que, ao invés do dinheiro, a sociedade devia se concentrar na violência que foi cometida contra uma mulher que é apenas a amostra de diversos casos que começam e terminam no segredo dos deuses.